

O Teosofista

Notas e Informações Sobre Teosofia e o Movimento Esotérico



Ano II - Número 15 - Agosto de 2008 - Lutbr@yahoo.com.br

O Boletim Mensal do Website www.filosofiaesoterica.com

“Teosofia é conhecimento divino, e conhecimento é verdade; todo fato verdadeiro e toda palavra sincera são, pois, partes integrantes da Teosofia.”

[H.P.Blavatsky em “Theosophical Articles”, vol. I, Theosophy Co., Los Angeles, 1981, p. 8.]

000

A Borboleta, Símbolo da Alma Humana A Dimensão Filosófica da Vida de um Inseto

A vida só pode ser compreendida quando a vemos como um processo que inclui morte e renascimento, vigília e sonho. O corpo humano abriga uma alma que também é mortal, embora seja sutil e só morra algum tempo depois do corpo. Mas a alma contém em si um Espírito que não morre e que “renascerá” uma e outra vez. Ao contrário do corpo físico, a alma-espírito pode voar como se tivesse asas. Chuang, um antigo sábio chinês, confessou:

“Certa vez, eu, Chuang Chou, sonhei que era uma borboleta, a voar para lá e para cá; borboleta para todos os fins e em todos os sentidos. Tinha consciência apenas de minha felicidade como borboleta, sem saber que era Chou. Logo despertei, e ali me achava, de novo e verdadeiramente eu mesmo. Agora, não sei se eu era antes um homem a sonhar que era uma borboleta, ou se sou agora uma borboleta a sonhar que sou homem.”[1]

A borboleta é um antigo símbolo da alma humana, no Oriente e no Ocidente. Alguns indivíduos ficam em dúvida: eles não sabem se são seres físicos que, enquanto dormem, fluem como almas, ou se são almas, capazes de voar, que, durante o estado de vigília, têm a ilusão de pensar que são seres físicos.

A imagem do espírito-alma como borboleta não é uma exclusividade da China. Na Grécia antiga, Psiquê, a alma, era descrita como uma borboleta que escapava do corpo com a morte.[2] Para a filosofia esotérica, a alma mortal (Kama-Manas) contém em si o Espírito imortal (Atma-Buddhi), que seguirá a jornada mesmo quando ela morrer, e que, muito mais tarde, viverá uma nova encarnação. A vida da borboleta, em suas várias etapas, reflete o processo do corpo-alma-espírito. O autor Henry Thomas escreveu:

“A reencarnação ocorre com mais clareza no caso das lagartas. E que gloriosa reencarnação! As lagartas parecem morrer, e depois subitamente renascem como belas mariposas e borboletas. O que realmente ocorre é o seguinte. A lagarta, desde que nasce, só faz uma coisa, e a faz bem. Come. E como come! Uma lagarta come muitas vezes mais que o seu próprio peso durante um dia. Come tanto que sua pele não suporta mais. Nós, humanos, nunca somos perturbados por este tipo de dificuldade, porque nossa pele se expande à medida que nosso corpo cresce. A pele da lagarta, porém, permanece inelástica, enquanto o corpo engorda. Por isso, deve-se dizer literalmente que a lagarta come até rebentar, isto é, ela rompe a pele e sai fora dela. Enquanto isso, uma pele nova e mais larga cresceu por baixo da velha. Em breve, porém, a mesma dificuldade ocorre de novo, e outra mudança se opera, até que a lagarta tenha mudado de pele cerca de cinco vezes. Neste ponto a lagarta encolhe-se, enruga-se e parece estar pronta para morrer. E então ocorre o milagre. A pele racha pela última vez, mas por baixo dessa pele não encontramos mais outra pele de lagarta, e sim uma criatura de aspecto estranho, que não tem boca, nem pés, nem olhos. Essa existência catalética, em estado de crisálida, pode durar somente dez dias, ou pode durar do outono de um ano até o verão seguinte.”

Este é o período que simboliza o repouso entre uma vida e outra, entre uma dimensão e outra. Henry Thomas prossegue:

“Quando a época de renascer chega afinal, o estupendo processo se realiza quase que subitamente. A pele da crisálida rasga-se e uma criatura, úmida e frágil, esforça-se por obter ar livre, procurando um lugar ao sol, onde possa ficar pendurada pelos pés. Agita e desdobra suas asas enlameadas e injeta-lhes sangue. Depois de uma hora ou mais, as asas gradualmente secam e tornam-se menos enrugadas. E então, quase num abrir de olhos, o inseto já está completamente limpo e você poderá ver diante de si uma esplêndida borboleta. Poderá ter asas azuis do tom mais puro, ou flamantes asas vermelhas, ou combinações inumeráveis de cores, tintas e matizes. A lagarta rastejante e feia renasceu, na forma de uma das mais belas criaturas de Deus: a alada flor dos ares.” [3]

A sucessiva troca de peles da lagarta corresponde, no ser humano, à troca da infância pela condição de adulto jovem, pela meia idade, pela velhice, e pela velhice extrema. A ponte ou escada que liga a alma imortal à alma mortal, e que une os estados de sonho, sono e vigília, é chamada em teosofia de Antahkarana. Graças a ela, podemos desenvolver gradualmente uma consciência da continuidade de todos os estados mentais ao longo das 24 horas do dia, e ao longo de uma vida. Esta ponte entre mundos também é chamada de “Escada de Jacó”, na imagem simbólica de Gênesis, 28: 10-13.

NOTAS:

[1] Chuang-tzu, citado por Lin Yutang em sua obra “A Importância de Compreender”, Círculo do Livro S.A., SP, 458 pp., ver p. 95.

[2] “Dicionário de Mitologia Grega”, Ruth Guimarães, Cultrix, 318 pp., item “Psiquê”, p. 267.

[3] “As Maravilhas do Conhecimento Humano”, Henry Thomas, vol. II, Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1941, 400 pp., ver pp. 312-313.

A Teosofia da Tradição Chinesa

O “Wen-tzu”, de Lao-tzu, Ensina Sobre a Vida Simples

Lao-tzu disse:

Para governar o corpo e alimentar a essência, durma e descanse moderadamente, coma e beba de modo adequado, harmonize as emoções, simplifique as atividades. Aqueles que são internamente atentos ao *ser* conseguem isso e são imunes às energias perversas.

Aqueles que decoram os seus exteriores se prejudicam internamente. Aqueles que alimentam seus sentimentos ferem seu espírito. Aqueles que mostram seu embelezamento escondem a sua realidade.

Aqueles que nunca esquecem nem por um momento de ser espertos oprimem inevitavelmente a sua natureza essencial. Aqueles que nunca esquecem de manter as aparências, nem sequer em uma caminhada de cem passos, sobrecarregam inevitavelmente seus corpos físicos.

Desse modo, a beleza das penas do pássaro prejudica o esqueleto, a folhagem excessiva nos galhos prejudica a raiz da árvore. Ninguém no mundo pode ser excelente nas duas coisas.

00000000

O curto texto acima é o capítulo 58 da obra clássica “**Wen-tzu, a compreensão dos mistérios**”. O livro é uma compilação dos ensinamentos de Lao-Tzu, fundador do taoísmo, e foi publicado no Brasil pela Ed. Teosófica. A versão do chinês para o inglês é de Thomas Cleary.

000000000000000000

A Teosofia da Natureza

O “Pensamento” de uma Planta

Henry Thomas

Há uma certa planta, habitante da lama, que parece ter um misterioso poder de pensar. Essa planta que se mostra como uma massa pouco apreciável, crescendo nos lenhos das florestas úmidas, arrasta-se de lugar para lugar. Come pequenas partículas de matéria animal. Parece possuir um pensamento, pelo qual distingue o que é alimento das substâncias que não são alimento. Reconhece também as plantas fêmeas da sua própria espécie.

Há outra curiosa planta que parece ser capaz de pensar e mesmo de dormir. À aproximação da noite, o trevo dobra suas folhas e parece que vai dormir. A ciência ainda não conseguiu compreender isso.

Os naturalistas têm observado muitos exemplos de “pensamento”, entre plantas. Se você observar a hera de Boston, dia por dia, verá que as gavinhas agarram-se aos tijolos e aplainam-se como se tivessem o poder de pensar no que estão fazendo. Plantas retorcidas enroscam-se cada vez mais, numa tentativa de descobrir alguma coisa onde possam pendurar-se. E uma planta do Chile dá volta completa em torno de uma árvore, em uma hora e quinze minutos. Provavelmente as plantas mais “inteligentes” são as que caçam insetos. Estas plantas sabem quando apanharam um inseto em vez de um pedaço de lodo, e vice-versa. Consomem o inseto e jogam fora o lodo.

Finalmente, há as pequenas plantas unicelulares. Estas pequenas células locomovem-se como os animais. Comem como os animais e, do mesmo modo que eles, sentem-se atraídas por várias substâncias e têm repulsa por várias outras. De fato, elas mostram, praticamente, todas as características dos animais de grande porte. Seu pensamento, se podemos dizer que têm um pensamento, é capaz das tentativas e dos erros que caracterizam o pensamento. Se alguma coisa desagradável as importuna, se livram dela apenas quando descobrem o método correto de fazê-lo, depois de haver tentado muitos meios infrutíferos.

Isso, sem dúvida, é o que ocorre com muitos animais e mesmo com os primitivos seres humanos. Podem, porém, as plantas ser olhadas como criaturas pensantes? Quem sabe? Talvez os antigos poetas não estivessem muito longe da verdade quando falavam de “árvores que suspiravam pela luz e de flores lânguidas de amor”.

00000000000

Reproduzido do livro “As Maravilhas do Conhecimento Humano”, Henry Thomas, vol. II, Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1941, 400 pp., ver pp. 317-318.

00000000000000000000000000000000

A Inteligência dos Vegetais

Não são poucos os pensadores que percebem a inteligência das plantas. Plotino, o filósofo e teósofo neoplatônico de Alexandria, afirma (na parte quatro da sua primeira “Enéada”) que as plantas buscam a felicidade, assim como os animais. E Helena Blavatsky explicou, durante uma reunião teosófica em Londres, em fevereiro de 1889:

“...Cada planta tem uma inteligência, ou o seu próprio projeto de vida, digamos, e seu próprio livre arbítrio, até certo ponto. Pelo menos, é assim que eu entendo a questão. Uma planta pode ser receptiva ou não-receptiva, *embora toda planta, sem exceção*, sinta e tenha uma consciência que é sua própria.” [1]

O escritor belga Maurice Maeterlinck, prêmio Nobel de Literatura em 1911, escreveu um livro chamado “A Inteligência das Flores” [2]. Nele, Maeterlinck discute a consciência das orquídeas, descreve as complexas relações entre abelhas e flores, e analisa a inteligência do mundo vegetal como um todo e a inteligência universal presente nos mais diversos aspectos da natureza. Depois de citar várias evidências concretas de inteligência vegetal, Maeterlinck escreve:

“Poderíamos multiplicar indefinidamente estes exemplos; cada flor tem sua idéia, seu sistema, sua experiência adquirida, da qual tira proveito” (p. 36).

Não é por mera coincidência, portanto, que algumas pessoas conversam com suas plantas, flores e árvores prediletas. É uma questão de sintonia.

NOTAS:

[1] “Transactions of the Blavatsky Lodge” (“Atas da Loja Blavatsky”, discussões sobre as estâncias do primeiro volume da edição original de “A Doutrina Secreta”), Theosophy Company, Los Angeles, California, 1923, ver p. 97. Este trecho de H.P.B. também está em “Collected Writings”, H. P. Blavatsky, TPH-India, volume X, p. 362.

[2] “La Inteligencia de las Flores”, Maurice Maeterlinck, Ediciones Nuevo Siglo S.A., Biblioteca 100 x 100, Argentina, 1997, 126 pp.

00000000000000000000000000000000

Carl G. Jung e o Nazismo Alemão

Ex-Aluno de Freud Manteve Posições Anti-Teosóficas

Em seu livro "Psicanálise e Religião", o psicoterapeuta e pensador Erich Fromm faz uma análise comparada dos pontos de vista de Carl Jung e Sigmund Freud. Fromm resgata a crítica radical de Freud em relação às religiões dogmáticas que funcionam como rebanhos de crentes proibidos de raciocinar por si mesmos.

Para Fromm, é a visão de Freud, e não a visão de Jung, que coincide com a doutrina budista segundo a qual a ética é inseparável de toda experiência de expansão de consciência. Depois de constatar que o conceito de Jung sobre religião fica pobremente limitado ao plano emocional, Fromm escreve sobre a questão da Verdade. Ele reivindica a sabedoria profunda presente nas grandes religiões:

"O conceito de Jung no que concerne à verdade está em oposição aos preceitos do budismo, do judaísmo e do cristianismo. Nestes, a obrigação de procurar a verdade é um postulado fundamental. A pergunta irônica de Pilatos, 'o que é a verdade?', simboliza uma atitude anti-religiosa, não apenas do ponto de vista do cristianismo, como de todas as outras grandes religiões".

E Fromm completa:

"De outro lado, Jung reduz a religião a um fenômeno psicológico, e ao mesmo tempo eleva o inconsciente à categoria de fenômeno religioso". [1]

A ausência de Ética no pensamento de Jung ajuda a explicar a sua posição em relação a Adolf Hitler, ao racismo autoritário e à política nazista de assassinatos em massa. A trajetória de Jung ao longo do ciclo do Nazismo e do Fascismo parece semelhante à trajetória do Vaticano: no início, havia uma simpatia. Depois, quando as forças democráticas

demonstraram ser mais fortes, houve uma adequação oportunista à realidade dos fatos. Jung não gostava de estar do lado do mais fraco, mas sempre foi um amigo dos poderosos.

Não há indícios de que Jung tenha sido, pessoalmente, um nazista. No entanto, parece ser um fato estabelecido que sua posição diante do nazismo foi no mínimo ambígua. Enquanto os intelectuais alemães e amigos da democracia eram perseguidos por Hitler durante a primeira metade dos anos 1930, Jung mantinha uma boa convivência com os nazistas. Ele aceitou, em 1933, um cargo de confiança do partido de Hitler na “Sociedade Médica Internacional para a Psicoterapia”, cujo administrador era sobrinho de Goering.

Embora tivesse amigos judeus, no início de 1934 Jung afirmou num artigo “Sobre a Situação Atual da Psicoterapia”, que o Judeu, sendo um povo nômade, não pode jamais criar a sua cultura própria; para desenvolver os seus instintos e talentos tem de apoiar-se em um “povo anfitrião mais ou menos civilizado”. É uma maneira (não muito sutil) de qualificar o povo judeu como “parasita”, segundo a velha cartilha do anti-semitismo nazista.

Alguns seguidores de Jung não vêem qualquer importância no fato de que um pensador da área de ciências humanas exerça cargo de confiança dos nazistas, enquanto a liberdade já é suprimida e quando os psicólogos judeus e não-nazistas são perseguidos e necessitam refugiar-se no exterior. Mas esta postura não resiste a um exame ético. Ela surge precisamente dos ensinamentos de Jung, que propõem o abandono da ética.

Na verdade, a ausência de compromisso moral em Carl Jung está vinculada à forma como ele vê o mundo humano. Um ser verdadeiramente espiritual, ou verdadeiramente filosófico, é solidário com a vida. A cegueira ética não pode ocorrer por acaso.

NOTA:

[1] "Psicanálise e Religião", Erich Fromm, Editora Livro Íbero-Americano Ltda., RJ, 1966, 140 pp., ver pp. 26 e 27.

00000000000000000000

Nota dos Editores. “O Teosofista” possui uma pesquisa mais ampla sobre a incompatibilidade do pensamento de Carl Jung com a Ética e os postulados humanistas defendidos pelas principais religiões, pela teosofia e pela tradição esotérica. Para obter uma cópia do informe, que foi produzido com base em debates no e-grupo **SerAtento**, escreva para lutbr@yahoo.com.br.

00000000000000000000000000000000

O Livro da Vida e o Hábito da Leitura

O hábito de ler amplia nossos horizontes; especialmente se lemos coisas que valem a pena.

Uma boa leitura nos liberta de assuntos pequenos e estreitos, ampliando a mente e mostrando o nosso eu mais profundo. Uma leitura filosófica nos prepara para ler a Vida mesma. Ela nos capacita a compreender o Livro da Vida, do qual cada dia pode ser definido como uma página, ou um parágrafo. Se percebemos que a Vida é como um livro repleto de mensagens e

significados, podemos pensar que a prática da auto-observação é uma forma de leitura.

O Livro da Vida é mencionado por H. P. Blavatsky em “Ísis Sem Véu” e “A Doutrina Secreta”, e também é abordado em diversas passagens da Bíblia, inclusive em “Filipenses”, “Apocalipse” e “Salmos”. Mas o Livro da Vida não está distante de nós. Nós também o escrevemos. Somos todos autores e leitores deste registro detalhado que tem sido escrito, revisado e re-escrito desde tempos imemoriais.

Um mestre de sabedoria afirmou que cada ação nossa e cada pequeno gesto ficam registrados na luz astral, para nosso futuro crédito ou débito, nos vários níveis de realidade. Assim, estamos escrevendo a cada instante o nosso futuro de curto, médio e longo prazo. Fazemos isso através das nossas ações físicas, das nossas ações emocionais e das nossas ações mentais (nossos pensamentos). Devido à lei de causa e efeito, cujo funcionamento é inevitável, nós criamos nosso destino, embora nem sempre isso seja consciente. Mas é claro que as grandes ações e os grandes gestos, assim como com os nossos hábitos, ficam registrados com mais força.

00000000000000000000000000000000

Cresce o Website www.filosofiaesoterica.com

Foi aumentado de sete para doze o número de textos em Destaque, na abertura do website www.filosofiaesoterica.com, e criou-se uma seção independente para textos sobre a Loja Unida de Teosofistas. O site já reúne grande quantidade de material sobre filosofia esotérica, ética e consciência planetária, e novos textos clássicos e atuais são acrescentados a cada semana. Ao mesmo tempo, a lista de e-mails do site e do boletim “O Teosofista”, que em março havia chegado a 3.000 endereços, continua em expansão constante. O e-grupo Ser Atento, que faz parte de Yahoogrupos, reúne mais de cem pessoas e baseia seus estudos sobre teosofia nos textos do site.

00000000000000000000000000000000

O Papel das Palavras na Vida Espiritual Cada Som e Cada Frase Têm um Efeito de Mantra

Estudante A:

Qual a real utilidade das palavras, na caminhada teosófica?

Estudante B:

As palavras são instrumentos comparáveis aos bens materiais. Se sabemos que as palavras (como as outras ferramentas) só são úteis quando bem utilizadas, com ética e integridade, elas serão uma parte sagrada da caminhada espiritual e da vida, porque então nós falaremos sempre desde o nosso coração, e assumiremos a responsabilidade pelas nossas ações e intenções.

Mas se alguém pensa que as palavras em si mesmas garantem alguma coisa, está redondamente enganado. As palavras não podem substituir a substância real que elas apenas simbolizam. Elas só têm valor e efeito durável quando são usadas com equilíbrio, e sobretudo com sinceridade. Caso contrário, como se pode facilmente observar, geram mais confusão do que comunicação entre as pessoas.

O conhecimento do uso correto das palavras é uma das áreas do conhecimento teosófico. Quando se avança um pouco neste campo de investigação, se chega à fronteira do tema dos Mantras. A Mantra Ioga pode ser definida como a ciência que estuda o uso de palavras sagradas para fins de manifestação da vida universal, na alma humana. Tudo começa com a prática do reto falar budista: é preciso dizer sempre a verdade, sem intenção de ferir, mas por devoção à Verdade em si. Porque a Verdade não depende de nada e é válida em si mesma. A palavra valiosa é a palavra Verdadeira.

Estudante A:

Este é um tema que merece um estudo cuidadoso. Onde se pode estudar mais sobre Mantras?

Estudante B:

A percepção da componente mântrica presente em toda palavra escrita, falada ou pensada, é algo que surge aos poucos na consciência do estudante. Esta percepção não é resultado do estudo deste ou daquele texto.

O fato de que cada palavra é rítmica e tem uma componente mântrica se relaciona com o conceito pitagórico de Música das Esferas. Tudo é ritmado no universo, desde as batidas do coração até o fluxo das marés e a passagem das sinapses e idéias no cérebro humano. Tudo o que existe flui e faz parte da Dança de Shiva, da Música das Esferas, do Ritmo que anima desde um átomo qualquer até as estrelas reunidas no Centro da Galáxia. Há um “batimento cardíaco” no nosso Sol. “No início era o Verbo”, diz a Bíblia. No início era o Som. No início, era o Mantra.

Foi um Mantra, um som, que despertou o Universo da longa Noite de Brahma, o pralaya, a noite do tempo, a “ordem implícita” de David Bohm. E assim surgiu um novo Dia de Brahma, o manvântara, o tempo cronológico, a “ordem explícita”. Mas o grande está contido no pequeno: antes de nascer, ainda um feto, a criança escuta. Quando nasce, antes de abrir os olhos, a criança que escuta. No início, é o mantra.

No plano do uso das palavras, sabemos que todo texto escrito tem um ritmo latente, oculto. Este ritmo é ocultamente musical, ainda que o texto esteja em prosa. Todo texto é, sempre, potencialmente conversacional. Todo texto, no fundo, é a transcrição de uma conversa ou diálogo interior e inaudível, talvez até sem palavras, que o autor mantém consigo mesmo, ou talvez com outros seres.

Todo texto tem, portanto, o seu alicerce na tradição oral da humanidade. Na literatura oral, existem sempre o ritmo e uma certa melodia, e eles são usados também como uma *mnemotécnica*, uma maneira de memorizar para não esquecer.

Daí o fato de a literatura oral ser frequentemente em versos, ou seja, em mantras, especialmente na Índia e na Grécia.

Sobre a misteriosa Mantra Ioga, há pouco ou nada de real valor publicado, além de textos teosóficos de pouca circulação. Mas, se fosse possível começar o caminho esotérico através da Mantra Ioga, não faria sentido. Porque o Instrumento da música das esferas é o eu inferior. O Músico é o eu superior, e na primeira etapa do aprendizado é preciso, necessariamente, aprender a manejar o instrumento, e a mantê-lo afinado. Para isso, o primeiro passo é trasladar o foco central e médio da consciência desde o Instrumento que é o eu inferior, para o eu superior, que tem “ouvidos para ouvir” e percebe a música do universo –, a música do Logos, do Verbo, do Sol, do Centro da Galáxia. Esta aprendizagem é gradual. Deve ocorrer ao longo das 24 horas do dia, durante longos anos, mas a cada passo amplia e liberta um pouco mais a mente.

Dizem os mais experientes que, depois de algumas décadas de estudo profundo de filosofia esotérica, o ensinamento meta-verbal começa a surgir diante do estudante de modo espontâneo. E isto ocorre através de imagens e percepções sintetizadoras, que reúnem dados e fatores aparentemente dispersos. Para o estudante de teosofia clássica, uma imagem vale por mil palavras.

Da Importância do Estudo Diário

Um Pequeno Esforço, Feito Com Regularidade

O simples ato de separar diariamente alguns minutos para estudar a teosofia clássica tem poderosos efeitos; não em 48 horas, nem em uma semana, mas depois de alguns meses. Meia hora diária, com o tempo, se transformará irremediavelmente em quarenta minutos. E os quarenta minutos passarão a ser cinquenta, mais adiante, porque o estudante sente que aquela experiência diária “oxigena” e dá vida às outras 23 horas do dia.

Mas tudo é gradual, por isso o plantio deve ser sustentado ao longo do tempo. O ritmo diário é importante porque a vida toda segue um ritmo de 24 horas.

Embora manter um ritmo constante possa parecer difícil para alguns, é bem mais fácil mantê-lo do que retomá-lo depois que se quebrou. O estudo diário deve se transformar em um hábito, assim como dormir, escovar os dentes ou alimentar-se. Se é necessário empregar tempo para dormir e alimentar-se fisicamente, porque não seria necessário um esforço para garantir o indispensável alimento espiritual, e o descanso da alma em relação aos assuntos do eu inferior?

Se passarmos um dia sem comer, sentiremos fome. E se passarmos um dia sem estudar ou meditar devidamente, nossa consciência interior fica prejudicada. O estudante se pergunta: “O que é mais importante, o alimento físico, ou o alimento espiritual?”

Na verdade, as dificuldades do caminho espiritual são frequentemente mais aparentes do que reais. Segundo o taoísmo, o caminho da simplicidade só parece difícil porque estamos acostumados ao que é complicado. Visto em si mesmo e observado por alguém que está livre de ilusões, o caminho espiritual é fácil, porque ele constitui o caminho do menor esforço para a busca eficaz da verdadeira felicidade. Por isso Lao-tzu ensinou:

“Nada é mais fácil do que fazer o que é bom, nada é mais difícil do que fazer o que não é bom. Fazer o que é bom significa ser calmo e livre de artificialidade, adaptando-se à sua verdadeira condição, seguindo a sua natureza essencial, preservando a realidade, e não mudando a si mesmo. Portanto, fazer o que é bom é fácil.”

E ainda:

“Aquilo que agora causa grandes problemas surge da falta de um grau normal de contentamento. Por isso é indispensável examinar as bases do benefício e do prejuízo, a fronteira entre a calamidade e a boa sorte. Os sábios não querem nada e não evitam nada. Quando você quer alguma coisa, este próprio fato pode fazer você perdê-la.; e se você tenta evitar alguma coisa, o fato de evitá-la pode provocá-la.” [1]

NOTA:

[1] “Wen-tzu - a compreensão dos mistérios”, Lao-tzu, tradução do chinês por Thomas Cleary, Ed. Teosófica, Brasília, 198 pp., 2002, ver p. 143.

0000000000000000

Estudante Pode Criar Biblioteca Portátil

Uma Técnica Que Permite Aprender Durante as 24 horas do Dia

Talvez as palavras mais importantes não sejam as que estão escritas no papel, ou online, nem armazenadas na memória eletrônica de um computador. Platão afirmou que as melhores palavras são registradas na alma. Em seu diálogo “Fedro” [276], o sábio grego abordou o nível de consciência em que a verdade pode ser realmente compreendida. Ele descreve um diálogo entre Sócrates e Fedro:

“**Sócrates** – Eu me refiro a uma palavra inteligente, gravada na alma do aprendiz, uma palavra que pode defender a si mesma e que sabe quando falar e quando permanecer em silêncio. **Fedro** – Você se refere à palavra viva do conhecimento que possui uma alma, e da qual a palavra escrita é apenas uma imagem? **Sócrates** – Sim, é a ela que me refiro.”

Séculos depois de Platão, Lúcio Sêneca, o filósofo do mundo romano, escreveu:

“O estudante tem de dedicar-se a alguns autores escolhidos, alimentar-se da sua substância, para que alguma coisa fique gravada na alma”. [1]

A mesma idéia ocorre no Velho Testamento, em Ezequiel, 3:10:

“Guarda no coração todas as palavras que te hei de falar, e ouve-as com os teus ouvidos”.

E no Novo Testamento, em 2 Coríntios, 3, lemos estas palavras de Paulo:

“Porque já é claro que vocês são a carta de Cristo ... escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.”

Platão, Sêneca, Ezequiel e Paulo não estão isolados. A partir de um determinado grau de compromisso com sua própria alma ou essência, todo estudante de filosofia esotérica cria, realmente, uma espécie de “biblioteca portátil”, e a leva consigo nas 24 horas do dia, onde quer que vá.

Em momentos de pausa, como durante a espera em uma fila de banco, quando o sinal está vermelho no trânsito, em um engarrafamento ou na fila do caixa do supermercado, sua mente não fica ociosa. Ele “chama” a si, para “reler”, algumas das idéias que estão escritas na sua alma, isto é, na sua memória; e as repassa, e as recita mentalmente, observando-as; e as produz no plano da mente como um mantra.

Ele também pode “redigir” mentalmente pensamentos apropriados para aquele momento, mantendo sua mente centrada. Desde modo, ele assume uma responsabilidade crescente sobre tudo o que vai por sua mente.

Ele já não precisa agarrar um livro ou visitar o website www.filosofiaesoterica.com para “ler” teosofia. Ele memoriza algumas frases que considera fundamentais para o momento atual do seu esforço, e reflete demoradamente sobre elas, percebendo a força de auto-determinação que emerge deste fato. Ao longo do dia, ele volta a estas idéias, ou sementes-de-idéias, sempre que há uma oportunidade para esvaziar sua mente de assuntos mundanos. A prática tem efeitos positivos sobre a qualidade do seu sono e de seus sonhos.

Os místicos e esoteristas de todas as religiões e filosofias levam consigo, por onde vão, a sua “biblioteca de idéias”.

Esta prática se soma à prática do estudo teosófico diário: amplitude e concentração passam, então, a caminhar lado a lado.

NOTA:

[1] “Conversas na Biblioteca, um diálogo de 25 séculos”, Carlos Cardoso Aveline, Ed. Ediburb, Blumenau, SC, 170 pp., 2007, ver pp. 30-31.

0000000000

O texto acima é a ampliação de uma mensagem mandada ao e-grupo “SerAtento”.

00000000000000000000

O Papel da Auto-Disciplina

O estudante de filosofia esotérica deve agradecer todos os dias à vida, se enfrenta dificuldades e obstáculos, porque estes são sinais seguros de que ele está sendo capaz de deixar de lado o caminho da falsidade. Em compensação, quando sua vida estiver demasiado cômoda, ele deve lamentar o fato.

Nenhum praticante da filosofia teosófica pode saber de que substância é feito, se não enfrentar momentos que considera “difíceis”. A preguiça, a indulgência e o despreparo ficam flagrantes e claros – como problemas que podem e devem ser corrigidos – quando a rotina cômoda é rompida e surge algum teste desafiador.

